

A informática sofreu menos

por Suely Caldas
do Rio

"No panorama ruim em que vive a economia brasileira, crescer 10% neste ano é quase um milagre. Mas no setor de informática ainda é um milagre possível." A avaliação do presidente do Sindicato das Indústrias de Aparelhos Eletrônicos e Similares do Rio de Janeiro, Haroldo de Barros Colares, não é, contudo, extensiva ao segmento de telecomunicações, também contido no setor eletrônico, mas que apresentou queda de produção no primeiro semestre, tendência que prosseguirá no segundo.

As empresas que se dedicam à produção de computadores ainda experimentam neste ano os efeitos do surto de crescimento de produção e vendas desde que essa indústria se instalou no País. Mas Haroldo Colares observa que, embora a crise econômica ainda não tenha atingido mais duramente o setor de informática, como ocorreu nas demais áreas da economia,

de dois anos para cá, o crescimento da produção vem caindo. Em 1982, segundo o empresário, a expansão real do setor foi de 35%, caindo no ano passado para 20% e neste ano as empresas do Rio esperam um crescimento de apenas 10% até o final do ano.

INCERTEZA

Da mesma forma que foi difícil para as empresas, no primeiro semestre, planejarem seus negócios com uma previsão de inflação ajustada à realidade, na segunda fase do ano o fenômeno tende a repetir-se e cada empresa irá trabalhar com sua própria previsão, diz Haroldo Colares. "Essa incerteza, quanto à inflação, aliada a outras resultantes de medidas inesperadas tomadas pelo governo, desorienta os empresários e dificulta o planejamento de custos e receitas adequadas à realidade", afirma Colares.

Desse ponto de vista, compartilha o economista e diretor de investimentos do Banco Boavista, José Júlio Senna. "A inflação

extremamente elevada", lembra o economista, "transforma qualquer estimativa de rentabilidade numa loteria e, na incerteza, as empresas inibem sua produção." Outro fator que, para Senna, contribuiu para a retração da atividade econômica foram as sucessivas mudanças nas regras do jogo no ano passado, que tiveram reflexo neste primeiro semestre. "Mudaram várias vezes as variáveis econômicas do salário, câmbio, correção monetária, política de controle de preços, juros e política tributária. Não há como produzir com segurança, convivendo com mudanças constantes", diz ele.

Contudo, o diretor do Banco Boavista cita um dado positivo: os resultados do setor externo nesta metade do ano, decorrência, fundamentalmente, da política de câmbio, que o governo conduziu de forma mais estável neste ano. "A expansão industrial oriunda da exportação mostra que, quando o governo adota uma conduta estável e

duradoura, como foi a política cambial, as empresas confiam e respondem de forma positiva." Para o segundo semestre, José Júlio Senna vê a economia seguindo o mesmo rumo da primeira metade do ano. "A recuperação, via setor exportador, vai continuar, estimulada pela política cambial, que terá de ser mantida, porque entramos numa fase de pré-renegociação da dívida em que o objetivo número um da política econômica é aumentar as reservas internacionais. Com dinheiro em caixa, o País reúne maior poder de barganha para negociar sua dívida", observa o economista.

ESPERA

Senna e Haroldo Colares concordam também em outro ponto: a recuperação interna da economia terá de esperar pelo próximo governante do País. "Só com o próximo presidente será possível mudar a política econômico-financeira, porque o governo atual não está propenso a mudar nada."